



3 1761 07041587 2

PQ

9261

C3L77

1900



3
2
1

4
3
2

O LUBIS-HOMEM

O LUBIS-HOMEM

COMEDIA ORIGINAL, E INÉDITA, EM 3 ACTOS

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Visconde de Correa Botelho

(1850)

COM UM PREFACIO

POR

ALBERTO PIMENTEL



1900

LIVRARIA EDITORA

GUIMARÃES, LIBANIO & C.^{IA}

108, Rua de S. Roque, 110

LISBOA

PQ
9261
C3L77
1900



O abate ungrado troupana os Vermeos porqz estiga
to de de todos os direitos da sua Comedia em 2
actos, intitulada o lobu homem, e bem apen os
ou suas comedia em 1 acto, intitulada - Othe
de um Capricho - de q' mag^{te} sem a. authoria
luz do otro deus; a p'p'ra para representas ou
publicar. Lisboa 25 de Jho de 1850

Comissio Senem Botcha Bartello Prames
No. 25 de Jho de 1850

Atto de de de
Luz de de

Antonio Pedro Prames de

PERSONAGENS

João da Eira.

Marianna, sua filha.

Carlos de Athayde.

O Vigario de S. Salvador.

Manoel do Portêllo.

Miquelina do Prado.

Um padre.

Seis ou mais encamisados.

Dous fantasmas, que correspondem ao 1.º e 4.º encamisados.

Gente do povo sem numero designado,
alguma da qual falla pouco.

Patrulhas, e o mais que fôr designado nas enunciações
da scena.

1846

A scena passa-se na provincia d'Entre-Douro-e-Minho

PREFACIO

Prefacio

No drama ingente em que Camillo Castello Branco foi protagonista, quer se trate da sua vida ou da sua obra, que não é senão o reflexo da sua vida, todos os dias se nos depara uma nova revelação e surpresa.

Por mais que se estude Camillo, parece que nunca está estudado sufficientemente—tão grande elle foi.

Ha menos de um anno publicava eu *Os amores de Camillo* e ahi, a proposito do processo movido pelo marido de D. Anna Placido, dizia que o advogado dos réos propozera em audiencia as bases de uma conciliação.

Acrescentava que não seria facil imaginar o teor d'essas bases.

Pouco tempo depois, lia eu, por acaso, um livro intitulado *Penafiel*, escripto pelo sr. Coriolano de Freitas Beça e estampado em 1896:

pois ahi, onde menos o podia esperar, encontrei interessantes cartas de Camillo ao dr. Rodrigo de Beça (na antiga imprensa do Porto *Padre Serapião d'Algueres*) e entre ellas uma que falla de um «acordo de convento», proposto ainda antes do réo se entregar á prisão.

Encontrando este fio conductor, ficamos inclinados a acreditar que durante o julgamento se teria insistido na proposta de recolher-se D. Anna Placido a um convento e de Camillo se ausentar de Portugal, pelo menos do Porto, talvez.

Mas, a breve trecho, maior e melhor achado vinha surprehender-me.

Appareceu uma comedia inédita de Camillo, inteiramente desconhecida, a respeito da qual jámais o grande escriptor me fallara.

Foi uma surpresa para mim, como o será para toda a gente.

E não ha duvida de que essa comedia é de Camillo, pois que legalmente o prova o documento, reproduzido n'este livro, em que Camillo, por seu proprio punho, trespassa o respectivo direito de propriedade ao sr. Jorge Augusto de Sousa, que mais tarde o cedeu ao editor Campos Junior, já fallecido.

De mão em mão, o manuscripto veio parar

ás dos srs. Guimarães, Libanio & C.^a, que felizmente o vão salvar do esquecimento.

Póde affirmar-se com inteira segurança que a lettra d'esse documento é de Camillo.

Reconheci-a logo que a vi; o mesmo aconteceu a Antonio de Azevedo Castello Branco, sobrinho do grande escriptor.

Eu posso servir de tabellião ou de notario, como agora se diz, para o effeito de reconhecer a assignatura de Camillo, tanto lhe conheço a lettra.

Pelo documento referido se vê que ha ainda uma comedia inédita, em um acto, *O preço de um capricho*, que oxalá appareça algum dia como appareceu agora o *Lubis-homem*.

Antonio de Azevedo Castello Branco, ouvindo-me ler esta comedia, encontrou na sua memoria uma vaga recordação de Camillo lhe ter fallado n'ella, parece que com o proposito de refundil a.

É certo que o *Lubis-homem* não vem acrescentar a gloria litteraria do grande escriptor, o que aliás seria inutil, porque a opinião publica já lhe concedeu o titulo de primaz.

Mas tem essa comedia um alto valor psychologico, sobretudo biographico, porque o auctor, retratando-se a si mesmo no papel de protogo-

nista, o estudante disfarçado em lubis homem, faz-se rodear de todo o scenario que circum-screveu a sua vida em Ribeira de Pena, no tempo em que ali casou com Joaquina Pereira, do lugar de Friume.

Deixem-me dizer, com certo desvanecimento, que eu, não conhecendo esta comedia, a adivinhei, quando pintando o Camillo das ribaldarias aldeãs de Ribeira de Pena, o estudante travêso e conquistador, serandeiro entre as raparigas, discursador entre os velhos, auctor e ensaiador de entremezes, conclui por dizer: «Que pena não chegarem até nós alguns d'esses picantes entremezes, por elle escriptos, que hoje despertariam uma alta estimação bibliographica! ¹ »

Appareceu um, com o que eu não contava. Estou convencido de que o *Lubis-homem* foi, na sua ideia inicial, um d'esses entremezes; mais tarde refundido muito á pressa, em Lisboa, para acudir a qualquer falta de dinheiro — tanto á pressa que o grande escriptor nem sequer reviu a copia que, feita por outra pessoa, entregou a Jorge Augusto de Sousa.

Não se tendo a comedia publicado nem re-

¹ *Os amores de Camillo*, pag. 64.

presentado, Camillo, quando a sua cotação litteraria começou a subir, pensaria em reconstruil-a com mais folego e em melhores condições theatraes, para o que lhe seria facil descobrir o paradeiro do manuscrito.

Como peça de theatro é effectivamente muito ingenua a factura do *Lubis-homem*. O publico não a supportaria hoje, nem talvez em 1850.

Mas como primicia de um talento que depois foi colossal e, sobretudo, como auto-biographia referida aos vinte e cinco annos do auctor, tem esta comedia um valor inestimavel.

Não foi a primeira peça de Camillo, porque a precederam o *Agostinho de Ceuta*, em 1847, e *O marquez de Torres Novas*, em 1849, mas o que sabia Camillo da arte de construir peças, o que conhecia elle do theatro, depois da sua estreia na provincia como auctor dramatico?

Elle mesmo responde a esta pergunta quando diz no prologo á segunda edição do *Agostinho de Ceuta*: «Ha doze annos que um rapaz, sem leitura, sem meditação, sem critica, nem gosto, escreveu um drama para ser representado em theatro de provincia.»

Em 1850, achando-se em Lisboa, encontrou-se em plena actividade intellectual, fascinado pelo

«meio» litterario que encontrára aqui. Na casa de hospedes da rua do Ouro ¹, planeou investir com o romance, começando a escrever *O anathema*, e com o theatro, aproveitando porventura a idéa de um entremez, composto e representado em Ribeira de Pena.

Precisava afogar no trabalho e no bulicio o desgosto que trazia na alma quando fugira do Porto, porque D. Anna Augusta ia desposar outro homem.

Então, como todos os que se sentem infelizes, recordava o passado que se lhe affigurava um paraíso se o comparava com o presente. Eram-lhe bonança, n'aquelle temporal desfeito d'essa hora, as recordações do tempo que passára em Ribeira de Pena.

A comedia *Lubis-homem* é nada mais e nada menos que a historia provavelmente exacta do seu galanteio e casamento com Joaquina Pereira. O disfarce em *lubis-homem* talvez seja exacto tambem. O namôro fôra um desenfado de estudante, sem previsão das consequencias que podia trazer. Mas as circumstancias complicaram se perante a attitude severa do pai de Joaquina Pe

¹ *O romance do romancista*, pag. 193; *Os amores de Camillo*, pag. 188.

reira e da gente do campo, que costuma resolver á valentona as questões que põem em jogo a honra das familias. A pobre camponeza sustentava com lagrimas, em vez de palavras, o seu direito a uma reabilitação. Camillo viu se rodeado de ameaças, e a consciencia gritou-lhe que quem faz o que deve, deve o que faz. As lagrimas de Joaquina Pereira apressaram a solução do conflicto. Camillo casou. Deve ter sido esta a historia do seu primeiro casamento, contada por elle mesmo.

Tal é o alto valor biographico da comedia que hoje se publica.

Além d'esta circumstancia, que por si só importa uma subida estima como «documento humano», acresce o facto, não menos importante certamente, de se encontrar dentro d'esta comedia uma serie de quadros da vida campestre na região d'Entre-Douro-e-Minho: serões, encamisados, esturdias, danças, cantigas á desgarrada, bôdas, arraiaes, crenças e preconceitos populares.

A superstição do *lubis-homem*, ponto de apoio do elemento biographico introduzido na comedia, é uma das superstições mais arreigadas em todo o paiz, especialmente nas provincias do norte.

A sua antiguidade prova-se pelo *Cancioneiro* de Rezende :

Sois damnado lobishomem,
Primo d'Isac nafu.

Sá de Miranda diz :

Que ha cem mil lobishomens
Cuidava eu que eram patranhas.

Adoptámos a orthographia *lubis-homem*, que é a mais corrente, e está auctorizada por Herculano.

Camillo, no documento que publicou, escreveu *lobis-homem*; mas na copia apparece quasi sempre *lubis-homem*, com uma insistencia que seria respeito ao original.

Filinto Elysio graphou *lobisome*, aproximando a orthographia, o mais que pôde, da pronuncia popular.

Por uniformidade, adoptamos *lubis-homem*.

Alexandre Herculano, que percorreu quasi todo o nosso paiz, descreve esta superstição no *Panorama*: «Os *lubis-homens* são aquelles que têm o fado ou sina de se despirem de noute no meio de qualquer caminho, principalmente encru-zilhada, darem cinco voltas espojando-se no chão em logar onde se espojasse algum animal, e em virtude d'isso transformarem-se na figura

do animal ahi *pre-espojado*. Esta pobre gente não faz mal a ninguem, e só anda cumprindo a sua sina, no que tem uma cenreira mui galante, por que não passam por caminho ou rua, onde haja luzes, dando grandes assopros e assobios para que lh'as apaguem, de modo que seria a cousa mais facil d'este mundo apanhar em flagrante um *lubis-homem*, accendendo luzes por todos os lados por onde podesse sair do sitio em que fosse presentido. E' verdade que nenhum dos que conta semelhantes historias fez a experiencia.»¹

¹ *Panorama*, vol. iv, pag. 164.

Ferdinand Denis, no seu livro *Portugal*, só teve o trabalho de traduzir as palavras de Herculano, citando lealmente a origem onde as colheu :

«Les *lubis-homems* (sic) sont entraînés par un destin, *fado*, ou portent un sort, *sina*. Certaines circonstances particulières les font différer de nos loups-garous, et ils sont plus innocents qu' eux, tandis que les sorcières portugaises sont plus féroces; ils s'en vont la nuit dans le milieu des grands chemins, ordinairement aux carrefours. Après avoir fait cinq voltes, ils se roulent sur la terre, au lieu où se sera roulé quelque bête sauvage; il suffit de cette action pour que la métamorphose soit accomplie, et qu'ils prennent l'apparence de l'animal qui les aura précédés dans ce lieu. En obéissant *au sort* ces pauvres gens ne font de mal à personne; ils ne passent du reste par aucun chemin

A minha velha criada Joanna, que me educou no Porto e era natural de Santo Thyrso, muitas vezes me affirmou que se uma mulher tinha uma serie de sete filhos varões, o ultimo corria fado de *lubis-homem*, durante a noute, transformando-se em lobo, burro, porco, etc., e que era preciso alguém fazer-lhe sangue para que tornasse á sua forma natural.

Theophilo Braga relaciona esta superstição com o character magico da meia-noite, e quer vêr ahí o vestigio de um mytho solar; até pretende dar quinau em Consiglieri Pedroso, que no *Positivismo* recolheu muitas noticias sobre o *lubis-homem*, sem descobrir essa relação.

Quanto á superstição aproveitada por Camillo, não será preciso maior noticia para que o leitor a entenda, com relação mythica ou sem ella.

Restará dizer que se tem conservado no paiz

ni même par aucune rue où il y aurait de la lumière; ils font entendre de grandes aspirations et de longs sifflements pour qu'on l'éteigne. C'était au quinzisième siècle la chose du monde la plus facile que de surprendre des *lubis-homems* dans leurs courses vagabondes; il suffisait pour cela d'allumer tout à coup une chandelle, et cela suffirait encore aujourd'hui, mais on se garderait bien de le faire».

até nas povoações circumvisinhas dos centros mais illustrados. ¹

Vamos agora a uma rapida analyse da comedia.

Abundam n'ella os provincianismos, que mereciam a Camillo especial predilecção, por effeito de educação certamente. Este apêgo ficou-lhe para toda a vida. N'uma nota ao romance *O bem e o mal*, diz elle: «Eu leio muito pelo dictionario inédito do povo d'aquellas provincias (Traz-os-Montes e Beira Alta), que sabe a lingua portugueza como fr. Luiz de Sousa.»

A palavra «espadada», que significa o acto de estomentar o linho, pertence ao vocabulario de Traz-os-Montes; n'outras regiões se diz «espadellada».

E' por este episodio da vida aldeã que a comedia principia, retinta de côr local.

A rubrica contem interessantes pormenores sobre o processo de «espadar» e os trages dos camponeses.

A trova cantada por Miquelina, logo ao subir o panno, representa uma persistente recor-

¹ *Almanach de Lembranças*, anno de 1893, pag. 275.

dação no espirito de Camillo, ¹ porque apparece mais tarde nas *Vinte horas de liteira* :

Já fui canario do rei,
Já lhe fugi da gaiola ;
Agora sou pintasilgo
D'estas meninas d'agora.

Confundem-se, ligam-se no espirito de Camillo as memorias saudosas de Villarinho da Samardan e de Ribeira de Pena. Era este o mundo que em 1850 conhecia melhor, e onde tinha passado o tempo mais feliz da mocidade, amando as camponezas.

Uma das raparigas da comedia affirma que o lubis-homem appareceu na eira do tio Manoel do Quinchoso.

Ora «Manuel do Quinchoso» era um visinho da casa de Camillo em Villarinho da Samardan.

A palavra «fachoqueiro» tambem pertence ao vocabulario transmontano: significa o facho de palha de centeio que os camponezes preparam para se allumiar de noite nos caminhos.

¹ «Em Camillo acontece, muitas vezes, que uma forte impressão se reproduz em mais de um livro.» Esta these, que sustentei nos *Amores de Camillo*, fica mais uma vez demonstrada.

Estão no mesmo caso o vocabulo «gramelho», especie de gancho de ferro que, descendo, segura o trinco das portas; e o termo «quinteiro» no sentido de terrado que rodeia as casas de habitação. ¹

Os «encamisados», que vale tanto como dizer «mascarados», são rapazes de Escarei. Ora Escarei é um logar na freguezia de S. Salvador de Ribeira de Pena.

Consoante o costume dos serões transmontanos, os encamisados trazem musicata: *esturdia*. ²

Tocam a *chula*, palavra que designa tanto o conjuncto phylarmonico de um agrupamento de individuos como certa dança popularissima em todo o norte do paiz. ³ Faustino Xavier de Novaes, poeta portuense, allude á *chula*, servin-

¹ «... Peregrina e o vigario entraram no quinteiro...» *O bem e o mal*, cap. III

² «Os mais entusiastas fizeram fogueiras como em noute de S. João, e correram a freguezia com esturdias instrumentaes, e foguetes de lagrimas.» *O bem e o mal*, cap. VIII.

³ «Chulas chamam lá ao complexo do iustramental, que fórma o essencial das festas. Em outras partes da provincia dizem «ronda», e «esturdia» n'outras». *Ao anoitecer da vida*.

do-se dos termos deturpados pela incorrecta prosodia do povo :

Bem repenicada e chula,
Tem p'ra mim *maor* valia
Ver a moça quando pula,
E a rabeça quando chia...
E a *saranda* na viola...
Isto é trigo sem *mastura*!

Começa a desgarrada, a compita dos cantadores. No Porto diz-se «cantar ao desafio».

Manoel do Portêllo, fazendo o elogio dos improvisadores que se réptaram, refere-se á festa da Senhora da Guia, dizendo: «quando elles cantaram, ficou ensilveirada a romaria por este par d'annos».

A villa de Ribeira de Pena compõe-se de duas freguezias, Santa Marinha e S. Salvador, na primeira das quaes existe a capella de Nossa Senhora da Guia.

Diz Pinho Leal: «N'esta freguezia do Salvador se faz todos os annos, a 15 de agosto, uma grande festa a Nossa Senhora das Angustias, em despique á de Nossa Senhora da Guia, que se faz na freguezia de Santa Marinha, e que tambem é sumptuosa. Este despique tem por vezes sido causa de grandes desordens.»

Em todas as festas transmontanas, especialmente nas romarias e serões, exclude habitualmente uma rivalidade guerreira entre os rapazes de diferentes freguezias e entre as *esturdias* e *rondas* de diferente *partido*.

E' o que lá chamam *rópia* (basofia, emulação) palavra que tambem apparece no 1.º acto do *Lubis-homem*. No prologo do livro *Ao anoitecer da vida* diz Camillo: «A ronda, a que eu ia associado, não quiz ceder o passo á outra, que era de rópia e basofia.» Segundo a expressão de Manoel do Portêllo, os dois cantadores da Senhora da Guia deixaram «a romaria ensilveirada por este par d'annos»: corresponde a dizer que tão bem cantaram, que o mesmo foi deixar difficultada com silvedos a concorrência de futuros cantadores.

O leitor ouvirá exclamar Marianna: «eu sei-te!» E' uma expressão vulgarissima em Trazos-Montes; vale como: «eu sei lá!» ou «eu sei-te lá dizer se sim ou não!»

No decurso da peça apparece outro modismo local «Pouco irás» que equivale a dizer: «Isso não vais.»

Manoel do Portêllo desconfia logo de que um dos encamisados seja o «estudante que está em casa do sr. *vigairo* a aprender as *grammátegas*.»

Esse estudante é o proprio Camillo, o endiabrado Camillo d'esse tempo, que esteve a estudar latim na Granja Velha, freguezia de Santa Marinha de Ribeira de Pena, em casa do padremestre Manoel Rodrigues ou padre Mancel da Lixa. ¹

Camillo retrata se a si mesmo pela bôcca de Manoel do Portêllo: «O homem anda amarello como o entrecasco do bucho; traz os cabellos arripiados como os bigodes d'um gato.»

Mais adeante chama-se «magricellas» (magricella).

Marianna da Eira é, na vida real, Joaquina Pereira, a namorada de Camillo; depois sua primeira esposa.

As espadeleiras cantam o conhecido amphiguri «Duzentos gallegos», que se tinha generalizado em todo o paiz.

D'este amphiguri escreveu Filinto Elysio: «O auctor é incerto, mas não incerta a fama, que de tão abalisada poesia resulta aos portuguezes. A obra é unica n'este genero (entre nós); mas unica como é, bastaria a acreditar-nos entre os francezes mesmos, se elles entendessem a nossa lingua, ou se nós menos descuidados

¹ *Amores de Camillo*, pag. 77.

da nossa propria gloria, o houvessemos traduzido em francez, com a gala e bizarria que elles têm no original.» ¹

Temos ainda a notar o emprego da palavra *pelégo*, que no vocabulario transmontano significa — pateta; e a exclamação — *Élé* — que tambem se encontra no *Anathema*: «*Élé!*... *Elé!* ha *ámeno* ou não ha *ámeno!*» ²

A rubrica que se refere á *siranda* é muito interessante sob o ponto de vista da choreographia aldeã.

No 2.º acto estamos deante da egreja de S. Salvador de Ribeira de Pena, egreja de que eu dei a photographia n' *O romance do romancista*.

Festejam-se umas bôdas, com flôres e tiros, porque não ha festa rija em Traz-os-Montes sem bombardadas estrondosas.

Entra em scena o vigario, isto é, o padre Manuel da Lixa, sempre moldado n'aquelle ideal de evangelica bondade que Camillo encontrou no padre Antonio de Azevedo, seu educador em Villarinho da Samardan.

Nos meus dois livros sobre Camillo, colhi

¹ *Versos de Filinto Elysio*, edic. de Pariz, tomo. II, pag. 143, nota.

² Primeira edição, 1851, pag. 67.

varias referencias do grande escriptor a padre Antonio d'Azevedo. Ainda me esqueceu uma: é a que se encontra nos *Doze casamentos felizes* (8.º casamento).

«-- O senhor é d'estes sitios? perguntou o padre.

«Disse-lhe a minha residencia e o nome da familia (*Azevedo*) com quem estava aparentado. N'esta familia havia um sacerdote, conhecido de padre João.

«-- Escusava de sair de sua casa para conhecer um padre digno d'este nome, disse elle».

Aproveito a occasião para contar dois episodios relacionados com a vida de padre Antonio d'Azevedo e de Camillo.

Padre Antonio era um abstemio: passava o dia a tomar chá, como sua cunhada, a mãe de Camillo.

Os criados da casa, *caseiros*, riam-se e diziam:

-- Lá andam elles com a «agua morna» a tombos!

Por occasião da exposição internacional de 1865, padre Antonio foi ao Porto, como quasi todos os provincianos do norte do paiz, para vêr a exposição.

Camillo estava então residindo com D. Anna Placido em Leça da Palmeira, n'uma casa junto

ao Castello: a mesma casa d'onde datou a dedicatoria do romance *Lucta de gigantes*.

Padre Antonio, acompanhado por seu sobrinho Antonio d'Azevedo Castello Branco, quiz ir visitar Camillo.

Mal que elle entrou na casinha de Leça, disse Camillo ao sobrinho, chamando-o á puridade:

— Se o padre perguntar se eu casei, diga-lhe que sim.

Queria occultar o *faux ménage* com D. Anna Placido, para não desgostar padre Antonio, cuja austeridade conhecia e respeitava.

Voltando á comedia. Logo no principio do 2.º acto, quando Miquelina canta a trova da *Donzella por que não casar?* diz o vigario: «Então, cachopas, vós d'antes cantaveis como em nenhuma freguezia d'estes arredores se cantam as nossas modas».

Mais uma vez se patentea n'esta phrase o entusiasmo de Camillo pelas glorias aldeãs da provincia de Traz-os-Montes, que lhe fôra patria adoptiva.

O estudante (Camillo) pretexta ir passar as sextas feiras com a sua familia a Villa Real, isto é, a Villarinho da Samardan. (Villa Real dista da Samardan apenas 13 kilometros).

João da Eira, referindo-se aos pavores causa-

dos pela apparição do lubis-homem, diz ao vigario: «A mulher lá a tenho emprégadinha...»

É, no vocabulario do norte do paiz, synonymo de — entrévada.

No dialogo, o estudante trata o vigario por padre-mestre, como certamente Camillo trataria na Granja Velha o padre Manoel da Lixa.

João da Eira é natural de Reboriça, e Reboriça é um logar de cincoenta fogos na freguezia de S. Salvador de Ribeira de Pena.

Todo o dialogo do Fantasma com João da Eira é um trecho de genuina farça portugueza, que tem um fundo de observação e realismo, porque põe em evidencia a credulidade cega dos nossos camponezes e o terror com que elles encaram o problema do *Alem*. E ao mesmo passo esse dialogo retrata a mocidade inquieta, endiabrada de Camillo, a cujo respeito Julio Cesar Machado escrevia n'esse mesmo anno de 1850: chegou a Lisboa um *diabo*.

Camillo, posto escrevesse algumas peças de theatro, não foi nunca um dramaturgo. O seu talento era tão espontaneo e fluente, que mal se compadecia com a demorada architectura de um drama. Contou-me Antonio de Azevedo Castello Branco que o grande escriptor, para satisfazer um pedido da actriz Josepha Soller,

escrevêra *O ultimo acto* desde as nove horas da manhã até ás trez da tarde. Na comedia, melhor talvez, na farça, toda a graça luzitanissima de Camillo brotava em liberdade, achando facilmente situações hilariantes, como no *Morgado de Fufe em Lisboa*, que João Anastacio Rosa não comprehendeu, por ser um artista do sul, no papel de protagonista, mas que, interpretada com a verdadeira côr local perante qualquer platea do norte do paiz, ainda hoje a fará rebentar de riso.

Abre o 3.^o acto com a romaria de S. Bartholomeu — outro quadro vivissimo de costumes populares.

Está a gente a vêr que é a romaria de Cavez, descripta por Camillo n'esse delicioso conto intitulado *Como ella o amava!*¹

«Aos 24 de agosto — diz Camillo — na povoação chamada Cavez, cuja ponte, sobre o Tâmega, extrema pelo norte as duas provincias do Minho e Traz-os Montes, celebra-se a festa de S. Bartholomeu, santo gravemente infesto a Satanaz. Vem aqui, de muitas leguas em volta, dezenas de creaturas obsessas. É para notar que raro homem ali vá incubado de demonio. As

¹ *Noites de Lamego*, pag. 162.

mulheres é que, por cima de muitas outras penas, soffrem o dissabor de serem visitadas pelos espiritos infernaes, caso unico, a meu vêr, em que os sobreditos espiritos se mostram es-pirituosos».

João da Eira, suppondo a filha obsessa, leva-a áromaria de S. Bartholomeu para ser exorcismada.

Toda a scena em que Marianna é compellida a deixar que o padre lhe ponha fóra do corpo o diabo, copiou-a Camillo do natural — é uma descripção fiel de um facto a que têm assistido todos quantos concorreram já, no norte do paiz, a uma romaria de S. Bartholomeu.

Através d'esta scena ri nas gargalhadas do estudante a ironia de Camillo, fazendo claro-escuro ao quadro. É que em todo o arraial apenas duas pessoas sabem que os effeitos do diabo são os symptomas da gravidez: d'essas duas pessoas, uma, ri — é o estudante; outra, chora — é Marianna da Eira. Em toda a obra de Camillo avulta, em alto relevo, o contraste da ironia com a commiseração, das lagrimas com o riso, da condolencia com o sarcasmo.

Aqui está, pois, bem assignalada, n'esta scena, a individualidade de Camillo.

O estudante tenta ainda soccorrer-se do seu genio volião, n'esse apertado lance, para urdir

mais um logro, fazendo-se substituir pelo criado; mas o seu coração de poeta, a vibração sentimental dos seus nervos, cede mais facilmente ás lagrimas de Marianna do que ás ameaças do povo: casa.

A breve trecho, sobre este generoso impulso de honra e piedade, cai um golpe da habitual ironia de Camillo.

Diz elle pela bôcca do estudante:

«— O homem casado tem maior fadario a cumprir que o lubis-homem; anda mais sombrio que uma alma penada; torna-se mais aparvalhado que um Manoel Pitosga... Está dito; quero reunir tudo — vou casar contigo».

E somos levados a crêr que foi exactamente n'estas condições que Camillo Castello Branco desposou Joaquina Pereira, ali mesmo, em S. Salvador de Ribeira de Pena.

Mais duas palavras apenas, a respeito de vocabulario.

João da Eira, offerecendo vinho á patrulha, diz -- que lhe faça bom *proficio*. É o verbo latino «proficio» substantivado pelo nosso povo. Tambem pergunta ao vigario se a filha já está *desobrigada*. Quer dizer—confessada. Nas provincias do norte chamam á confissão «desobriga».

Miquelina, em dialogo com Marianna, na

scena XI, falla de segadas e bessadas. No *Minho pittoresco* (vol. I, pag. 121) José Augusto Vieira orthographou «bessadas» induzido pela pronuncia da gente do Minho, e outras provincias septentrionaes, que troca o *v* pelo *b* e vice-versa. Eu mesmo, na *Princeza de Boivão*, empreguei aquella graphia. Sem embargo, a etymologia ensina que se deve dizer «vessada», de vessar, lavar a terra.

Bastará decerto a leitura d'este prologo para convencer o leitor do alto interesse biographico que valorisa a factura, litterariamente inferior se a compararmos com os melhores livros de Camillo — da comedia *O lubis-homem*, até hoje inédita.

Sob este ponto de vista prestam um excellente serviço á historia litteraria de Portugal os srs. Guimarães, Libanio & C.^a, dando ao prelo a comedia que eu estou prefaciando.

Tenho pena de que me falte o tempo e o espaço para fazer mais detido estudo sobre o theatro de Camillo, onde quasi sempre se encontra, salvo talvez em outras comedias e no drama *O condemnado*, a mulher que lhe preocupava o espirito no momento em que escrevia.

Ficará isso para melhor occasião — se puder ser.

Lisboa, 3-2-900.

ALBERTO PIMENTEL.

O LUBIS-HOMEM



ACTO I

E' noute d'espadaada. Representa-se n'uma eira, onde se abre, ao rez-do-chão, e ao fundo, uma porta de carro, inferior a trez velhas janellas de cantaria. N'estas, brilham algumas lampadas, formadas de papel-pintado, com seus bocados de vela no interior. Cada moça tem o seu cortiço, e mólho de linho em rama, que castiga com a espadella, na borda do cortiço. Ao lado de cada uma, sentado no chão, está um rapaz, quebrando o feixe de linho, que passa depois á respectiva rapariga para espadelar. Ellas vestem de saias e jaqués de chita, com lenços vermelhos elegantemente apertados na cabeça. Elles, em mangas, e pela maior parte de chapéus de palha. Sobre um escabello, ao lado do semicirculo, composto pelas espadeleiras, estão os rapazes que affinam rabeça, viola e outro com uma varêta e chave.

SCENA I

João da Eira, Marianna, Manuel do Portêllo,
Miquelina e os mais descriptos

(Ao correr do panno canta Miquelina)

Já fui canario do rei,
Já lhe fugi da gaiola.

Côro

Sim, sim, eu vou lá,
 Ó Marianninha,
Sim, sim, eu lá vou
 Ó pequerruchinha.

Agora sou pintasilgo
D'estas meninas d'agora.

Côro

Sim, sim, eu vou lá
 Etc., etc.

O sete-estrello vai alto,
Alto vai o pensamento.

Côro

Sim, sim, eu vou lá
 Etc., etc.

Eu não quero mais amôres,
Tenho amôres mais d'um cento.

Côro

Sim, sim, eu vou lá...

João da Eira

Assim é que eu quero vêr-vos, cachopas!...
Vivam as cantadeiras, e viva toda a rapaziada!

Vozes

E viva o thio João da Eira !

João da Eira

Deus vos ouça, gente ! Tendes vós mastigado e bebido que farte ?

Vozes

Temos, temos, louvado Deus !

Uma voz

Aqui não se pergunta, thio João. Oxalá que d'hoje a um anno vocemecê e nós *estéjamos* aqui todos juntos, e de saude.

João da Eira

Oxalá, rapazes. Então (*para os tocadores*) vós não cantaes ao desafio ? Ora vá, Antonio da Rita, dá ahi duas rabecadas.

Os tocadores

Lá vamos. (*Começam a afinar com umas posturas que lhes são especiaes*).

João da Eira

(*Para a filha*). Então, rapariga, estás ahi para um canto, que ninguem te vê ?!

Marianna

(*Triste*) — Estava aqui a conversar com a Miquelina.

João da Eira

Estavas... mas era lá com as tuas maginações... Nada de tristezas... Canta com as outras cachopas... Já te não ouço cantar ha tanto tempo...

Marianna

Ahi está muito quem cante... Eu vou p'r'ó pé da mãe, que está lá sósinha na cama...

João da Eira

Não está sósinha, não: ha lá gente de sobra

Miquelina

É verdade, thio João, como está a thia Maria?

João da Eira

Como hade ella estar!... assombrada... não quer sahir dos lenços.

Uma das raparigas

Não q'elle a fallar a verdade...

Outra

Não sabe, thio João? O lubishome appareceu hontem na eira do thio Manoel do Quinchoso.

João da Eira

Que me dizes?

Manoel do Portêllo

Isso é verdade... Vi-o com estes dous que a terra ha de comer.

João da Eira

Então sempre tem razão a minha Maria...

Miquelina

O' Marianna, tu tambem viste o lubishome?

Marianna

Deixai-me...

João da Eira

Olha a tôla, a não querer dizer que o viu, com medo que elle lhe appareça... Conta lá isso, rapariga.

Marianna

Tenho medo... Sempre ouvi dizer — lubishome fallado, lubishome ao lado.

João da Eira

Quer sim, quer não, eu vos conto. Faz hoje 8 dias que a minha Maria vinha do serão da thia Brazia com a minha Marianna...

Marianna

Eu tinha sahido um poucachinho adiante...

João da Eira

Certamente, tu tinhas sahido um poucachinho adiante, e tua mãe estava a accender o fachoqueiro á porta da thia Brazia... foi assim, rapariga?

Marianna

Foi, sim, senhor.

João da Eira

E vae depois, n'isto vem o lubishome a correr, passa de *súpeto* por ó pé da minha Maria, e apaga-lhe o fachoqueiro.

Vozes

(*De mulher*) — Credo! Credo!

João da Eira

E a minha velha tomou tal pasmo, que se metteu p'ra casa, pôz o gramelho na porta, e gritou, gritou, athé que a vieram buscar ao quinteiro, enfiada como se tivesse maleitas!!!

Miquelina

Não, que uma cousa assim, ó raparigas!...

Uma d'ellas

E tu p'ra onde fugiste, ó Marianna?

Marianna

Eu!...

João da Eira

Essa veio muito ó depois p'ra casa, e entrou-me na cosinha, toda arrepiada, c'os cabellos cahidos, e a tremer como varas verdes!

Manoel do Portêllo

Eu sempre queria conhecer o tal lubishome... Estou cá a desconfiar... emfim, não quero dizer nada...

João da Eira

Que desconfias tu? diz lá, homem...

Manoel do Portêllo

Eu lhe direi a vocemecê...

Marianna

Ora não falem n'essas cousas... Estavamos tão contentes, e vêm metter mêdos á gente...

Manoel do Portêllo

(Vergando o cajado) — Não... eu, se elle por aqui passasse... não sei, mas, se é fado, eu sempre era homem de lh'ó cortar...

Uma das moças

Era uma obra de caridade fazer-lhe sangue... Dizem que se lhe quebra o encantamento...

Marianna

Vamos nós cantar, raparigas?

João da Eira

E' melhor, é... *(para os da esturdia)* Então esses *estrumentos* estão afinados?

Um d'elles

Estão aqui, estão promptos *(continuam a afinar com muitas visagens e gatimanhos — Ouve-se o estrépido cadenciado das espadellas. Vem de longe um som de buzinas de monte.)*

Vozes

Ahi vêm os encamisados...

João da Eira

São os rapazes d'Escarei, querem vossês vêr?! Deixal-os vir com bem... Ó rapaziada, eu não quero bulhas a troco de *questans* na minha espadada... Deixem-n'os brincar, e brinquem vossês também...

Alguns rapazes

(*Erguendo-se e espreguiçando-se*) — Não hade haver nada, thio João.

João da Eira

Isso é o que se quer... Mas onde ides vós?

Um d'elles

Vamos cá p'r'ó pé da *esturdia*.

Uma rapariga

Antonio!... olha lá se... senta-te aqui, anda...

Outra

Ó Zé, senta-te p'r'á qui... Vós, quando lá ides ás espadadas d'elles, tambem não gostaes que voç façam apupadas...

Manoel do Portêllo

Não ha de haver sangue, se Deus quizer...

Marianna

(*Com aversão*) — Não qu'elle, se te parece... dá-lhe...

Manoel do Portêllo

Não hade haver nada, Marianna.

João da Eira

Affinastes isso, rapazes? O' homem!...

Tocadores

E' como diz.

(Tocam a chula O da rabeca, principalmente, desengonça-se em variadas attitudes; o da vareta, como orgulhoso de si, dá ao instrumento as inflexões de uma harpa; o da viola, depois de tossir com as costumadas formalidades, descanta a seguinte trova):

Ainda agora aqui cheguei,
Mentir não sei.
Mais cedo não pude vir.

(Pausa)

Mas inda venho a tempo,
És meu tormento,
De tuas falas ouvir.

João da Eira

Então, Miquelina, aquillo é contigo... Venha de lá essa resposta, e não te demores... Olha que elle já lá tem outra...

O mesmo cantor

Se me não queres responder,
Eu t'o vou dizer,
Eu t'o vou explicar.

(Pausa)

João da Eira

Vês, Miquelina, eu que te disse?

Cantor

E' por eu ter fraca voz,
Beicinhos de retroz,
Para contigo cantar.

(Os rapazes gesticulam em ar de approvação: o cantor revela todo o enthusiasmo do seu triumpho.)

João da Eira

Então, deixas-te ficar mal, rapariga?

As moças

Responde, Miquelina.

Miquelina

(Canta) — Para contigo cantar,
Rapaz da vida,
Não é preciso aprender.

(Pausa)

Eu não canto porque saiba,
Ai la ri ló léra,
E' porque quero saber.

João da Eira

(*E as raparigas*) — Foi boa, foi boa... Responde-lhe agora, se tens alma...

Manoel de Portêllo

(*Com intimativa*) — Qualquer d'elles sabe o que diz... No outro anno, na Senhora da Guia, quando elles cantaram, ficou ensilveirada a romaria por este par d'annos... Aquillo é que foi... até lá estava a ouvil-os o sr. *Vigairo!*...

(*As buzinas sôam perto*).

João da Eira

Elles ahi vêm. O' Marianna, vai á pipa da aduella rachada tirar um pichel de vinho para os encamisados... Traz uma brôa e a faca de cabo d'ôssô, se elles quizerem mastigar.

Manoel do Portêllo

(*Arcando o péo com a perna*) — Eu queria mas era mastigar-lhe os ossos... Raios me par-tam se...

João da Eira

Que estás tu ahi a dizer, Manuel do Portêllo?

Tu estás com ruim *fylosophia* de rosto... Ora anda com as tuas rópias e chulices... que eu bem sei o que heide fazer...

Um dos moços

(*A meia voz*) — Toma conta, Manoel, que elle é capaz de te não dar a Marianna...

Manoel do Portello

Eu tenho cá meus *alvitres* de descascar este carvalho nas costas d'aquelle *casaca* lá da villa... Se elle vier...

SCENA II

Os mesmos e os Encamisados

Encamisados são seis ou mais rapazes, mascarados da seguinte maneira: O 1.^o vem de croça, que é um manto de capuz, tudo de palha: traz uma carêta de cão. O 4.^o cavalga uma canastra, terminando anteriormente em um longo focinho, mais ou menos parecido com o de jumento. Traja casaca de seda do seculo XVIII, calção, e tamancos com esporas de correia. O 2.^o vem de chapéo de bicos, casaco d'immensa gola, e botas de montar. O 3.^o veste se de mulher: chapéo de palha com pennas de Perú, vestido de chita muito cingido ao corpo, e immensos tamancos. O 5.^o é um antigo miliciano,

com o supplemento de uma pasta á moderna. O 6.º, para conservar a derivação d'esta usança immemorial, traz a camisa por fóra das calças, e um lenço furado no lugar dos olhos, sobre a cara. (O ensaiador póde imaginar os mais que quizer.) Quando entram, fazem uma ruidosa ingresia de falsetes, que mais ruidosa se torna com as risadas das raparigas, exceptuando Murianna, que recebe, assim como os rapazes, impassivel, os encamisados. Nota-se nos rapazes um ciúme feroz e estúpido. Os encamisados trazem páos.

João da Eira

(Rindo como um idiota) — Vocês vêm bem arranjados... Ora, com effeito!... E' a melhor encamisada que pisa o Minho!... Rapazes são o diabo... Vejam vossês isto!... Olha este! parece-me o sr. capitão-mór... Deus lhe fale n'alma (apontando para o 2.º)

4.º Encamisado

Vocemecê não me conhece, thio João da Eira? (falam sempre em falsete).

João da Eira

Eu não... e mais olha que...

4.º Encamisado

Quem sou eu?

João da Eira

Tu?... tu és... és, por mais que me digam, és o Manoel da Pitosga...

(Os mascaras riem-se, e as raparigas estão em aceonados, como quem adivinha os encamisados).

João da Eira

E este, ó Marianna?

Marianna

(Erguendo-se d'onde estava conversando com o 1.º encamisado) — Senhor pai...

João da Eira

Olha este *(apontando para o 4.º)* parece o sr. regedor quando anda aos votos pela freguezia... E esse... *(apontando para o 1.º, que está fallando ao ouvido de Marianna)* que está elle a dizer á rapariga?

1.º Encamisado

Estava a perguntar-lhe como está a mãe, depois que viu o lubis-homem.

João da Eira

Tambem já lá appareceu no teu povo o lubis-home?!

1.º Encamisado

Elle já!... Tem demonio!...

João da Eira

Então sempre é certo que elle anda por hi?!

1.º Encamisado

Se é certo!... houve já quem lhe fallasse...

(As raparigas olham umas para as outras com um ah d'espanto).

João da Eira

Olha o milagre! Um lubis-home, depois de se espójar na encruzilhada, toma outra vez o *carátele* da sua propria pessoa, e falla com a gente como eu aqui estou a fallar convosco...

Manoel do Portêllo

Não... elle sempre tem sua áquella de differença...

As raparigas

Que é, que é?

Manoel do Portêllo

Anda amarello como um pecego maduro, e ás 6.^{as} feiras ninguem o pilha em casa.

João da Eira

Que me dizes? — e eu á 6.^a feira que vou sempre dormir para o meu cazal da *Portella*!! Olha se eu o encontro por lá!...

1.º Encamisado

Os lubis-homens não fazem mal a ninguem, não é assim, ó Marianna!

Marianna

Eu sei-te!...

João da Eira

(*Para o 1.º encamisado*). Isso és tu que o dizes... Olha a minha companheira que está na cama tolhida de pernas e braços!... Ora o tôlo não está máo!...

Manoel do Portêllo

Olhe aqui, ó thio João... (*As raparigas vão sentar-se nos seus banquinhos espadelando; os encamisados vão com ellas. Manoel e João ficam separados*).

João da Eira

Que queres, homem?

Manoel do Portêllo

Eu não lhe disse ha bocadinho que tinha cá umas desconfianças?...

João da Eira

E d'ahi?

Manoel do Portêllo

Eu... (e Deus me perdôe se pécco)... o lubis-home cá para mim acho que é o estudante que está em casa do Sr. *Vigairo* a aprender as *grammátégas*...

João da Eira

Calla-te lá, rapaz...

Manoel do Portêllo

E' o que lhe digo a vossemecê. O homem anda amarello como o entrecasco do bucho; traz os cabellos arrepiados como os bigodes d'um gato... e sabe que mais?... á 6.^a feira não está em casa...

João da Eira

Isso nem eu... Então tambem eu sou lubis-home...

Manoel do Portêllo

Homem! Vossemecê é mais velho, e como o outro que diz tem visto muita cousa; mas sempre lhe digo que olhe para a verónica do estudante quando o vir...

1.º Encamisado

Thio João, venha vinho!

João da Eira

Lá vou, lá vou, rapazes... O' Marianna, que é do pichel?

Marianna

Está aqui, está aqui, sr. pae... (*João da Eira junta-se ás espadeleiras e ficam sós o 1.º encamisado e Manoel do Portêllo*)

SCENA III

1.º encamisado e Manoel do Portêllo emquanto João da Eira não torna a aproximar-se

1.º Encamisado

Que fazes tu, Manoel do Portêllo? andas atrás da Marianna da Eira?

Manoel do Portêllo

E tu que t'importa atrás de quem eu ando! O' *por ora* não dou *stifaçoens* a ninguem.

1.º Encamisado

(*Zombando*) *Stifaçoens!!!* Que estás ahi a dizer, meu pelêgo? (*rissi muito e quer dar-lhe uma chapelada*).

Manoel do Portêllo

Pelêgo! Não me toques, olha que t'arrumo pela cernêlha!... *Acajo* que me pareces...

1.º Encamisado

(Rindo cada vez mais e apontando). *Acajo!!* *Acajo!!* que grande parrano! O meu gosto era dar-te um revez de cascudo.

Manoel do Portêllo

(Medindo-o d'alto a baixo). Os diabos me levem se tu não és o estudante...

1.º Encamisado

Que estudante!? meu gebo! diz, gebissima creatura!...

Manoel do Portêllo

Aquelle magricellas que veio da villa estudar as *grammátégas* p'ra casa do Sr. *Vigairo*...

1.º Encamisado

(Com seriedade). Deixas-me dar-te uma penantada n'esse tambor que trazes na cabeça?

Manoel do Portêllo

Pois olha... se eu soubesse que eras o estudante...

1.º Encamisado

Não sou, palavra de honra! mas tu se o visses atiravas-lhe, meu *Manél*?!?

Manoel do Portêllo

Não sei o que seria... (*O encamisado vai-se retirando*). Elle é este diabo!... (*á parte*).

1.º Encamisado

Vou beber á saude da tua Marianna... (*Retira se para o grupo*).

Manoel do Portêllo

Em veneno se te faça no *estámego*!... Eu não sei, mas elle não é outro... ó thio João, olhe aqui, que já vai... (*Chamando João da Eira, que estava entre as espadeleiras*)

João da Eira

Que queres, homem? Acaba lá com isso d'uma vez...

Manoel do Portêllo

Em cortezia... Olhe que o lubis-home anda ahí...

João da Eira

(*Sobresaltado*.) Tu que dizes, Manoel? Jesus!... O' gentes!...

Manoel do Portêllo

Olhe cá, thio João, em cortezia; anda aqui o lubis-home, mas está no *carátele* da propria pessoa, como vossemecê disse...

João da Eira

Ora vai destampar gamellas... És um tôlo, um fracalhão...

Manoel do Portêllo

O que? ó thio João... inda o meu centeio da chan o comam as cabras, s'isto não é tal e qual.

João da Eira

Então, diz lá quem é... quem é o lubis-home?

Manoel do Portêllo

E' o estudante que anda ahi com a croça... vê-o a fallar com a Marianna?

João da Eira

Tu sabes lá quem é!... Eil-o ahi vem...

1.º Encamisado

E o lubishomem? (*João muito espantado a olhar para elle*).

João da Eira

E o lubis-home!... Tu quem és, ó carêta?...

1.º Encamisado

Eu sou o *Zé da Zefa*, filho da *Zefa* e do *Zé*, neto do *Manel da Brigida*, e da *Brigida do Manel*...

João da Eira

O que me parecez é que és um grande bré-jeiro... Olha que me disseram umas cousas que não te são mui boas se forem como por ahí se diz...

1.º Encamisado

O' thio João, vossemecê deixa-me *metter ferro* aqui ao Manoel?

João da Eira

(*Formalisado*). *Metter ferro!!* queres-lhe dar alguma facada?!...

Manoel do Portêllo

(*Fazendo roda com o páo e cuspindo nas mãos*)
Arrede d'ahi, thio João, arrede, que eu sempre quero ver quem são os homens.

João da Eira

Victo serio... Não haja nada...

As raparigas cantam e espadam ao mesmo tempo. O 1.º encamisado, sem dar importancia ás ameaças do Manoel do Portêllo, vai sentar-se ao pé de Marianna, que o recebe muito risonha. João da Eira e Manoel do Portêllo vão-o seguindo, e aceonando de longe.

Canto

Duzentos gallegos
Não fazem um homem,
Porque quando comem
Seu dinheiro, meu dinheiro,
Homem embusteiro,
Que arriscado andas... etc.

Findo o canto, o 1.º e 4.º encamisados vêm á bôcca da scena, conversam, ao passo que os cutros se entretêm em volta da esturdia que affina os instrumentos.

SCENA IV

1.º e 4.º encamisados, João da Eira, Marianna,
Miquelina, raparigas

1.º Encamisado

Ouviste?

4.º Encamisado

Sim, senhor.

1.º Encamisado

D'aqui a pouco retiro-me álem para aquelle souto . . . vês?

4.º Encamisado

Vejo, sim, senhor, n'aquella clareira . . . (*apontando*).

1.º Encamisado

E tu como has de gritar?

4.º Encamisado

Fujam, fujam, fujam! . . .

1.º Encamisado

Justamente.

4.º Encamisado

Mas cuidado com o Manoel, que não é bom . . .

1.º Encamisado

Não tem duvida — (*vão para os grupos*).

Marianna

Senhor pae, não temos mais que fazer.

João da Eira

Pois brincai, raparigas, brincai . . .

As raparigas

(*Erguendo-se e sacudindo as arestas do linho*).
Vamos dançar...

João da Eira

Olha aqui, Marianna... Vês aquelle encami-
sado de cara de cão?

Marianna

Vejo, sim, senhor.

João da Eira

Cuidado com elle!... a modo que ouvi dizer
que é o lubis-home... não te chegues muito, ou-
viste?

Marianna

O senhor pae está a querer metter-me mê-
do...

João da Eira

Ágora estou... olha que o lubis-home ali
onde o vês é o estudante que anda nas *gram-
mátégas* em casa do senhor *Vigairo*... Conhe-
ces?...

Marianna

Conheço de o ver andar á caça por aqui...

João da Eira

Ouviste? Cuidado ás 6.^{as} feiras, que eu cá

não estou... Olha que elle então anda por fóra a cumprir o fadario...

Miquelina

Anda, Marianna, que estás ahi a fazer?

Marianna

Ahi vou, ahi vou... Dansai vós...

Vozes

A sirandinha! a sirandinha!

Marianna

Pois vamos lá á sirandinha.

1.º Encamisado

E eu vou p'r'ó meio!

A sirandinha é uma dança em circulo, e de mãos dadas homem e mulher, alternadamente. No fim da correspondente cantiga, o que anda no meio deve haver-se com muita cautella para agarrar uma das raparigas, no breve intervallo em que a cadeia se quebra. A copla é a seguinte:

«O' siranda, sirandinha,

«Vamos nós a sirandar.

«Meia volta dareis vós,

«Meia volta...

O 1.º encamisado agarra-se á mão de Marianna antes de fechada a quadra do canto. Manoel do Portêllo sahio do circulo, pegou no páo, e faz-se ao largo.

SCENA V

Manoel do Portêllo, raparigas, encamisados,
João da Eira

Manoel do Portêllo

Élé, seu amigo da croça! olhe que eu faça-
lhe tamanha estadulhada á cabeça, que vossê
não torna a erguer-se d'ahi!...

As raparigas

Então por que foi isto agora?

Manoel do Portêllo

(Com *enfase*). E' porque elle agarrou na mão
da Marianna antes de chegar ao fim da canti-
ga...

4.º Encamisado

(*Galopando com o burro fantastico por deante
de Manoel do Portêllo*). Então por isso mata-se
um homem?

Manoel do Portêllo

Olha que eu bem te conheço... és o *Igidro*

da thia *Brigida*... Não me estejas cá com chanças, porque eu não sou o *Zé da Polinaria*, a quem tu na romaria da Senhora da Livração quebraste um canêllo com um calháo... ouviste?

(Os rapazes vão pegando em páos).

3.º Encamisado

(Despindo o vestido de mulher e ficando em mangas de camisa, com o chapéo de mulher na cabeça, sahe para o terreiro com o seu páo em rijas partidas).

Cá um homem é para outro... Aqui é que se vê quem tem alma... Então quem é aqui que rentá? Quem tiver amargores de bôcca...

João da Eira

O' diabo! eu não te conhecia com esse alguidar na cabeça .. Eras tu, João Almocreve? Dá cá esse abraço...

3.º Encamisado

(Com a dignidade de quem dá a razão do seu dito). Não quero cá saber de desgraças... Todas as vezes que um homem é homem e que diz a outro, com o seu *carátele* descoberto, eu sou homem p'ra vossê... é que não ha senão izer — «aqui está o meu peito!» Quem é ami-

go, e vê o seu amigo, como diz o dictado, em *registencia* da sua *propia* natureza, eu, se sou amigo do meu amigo e tenho o meu páo, vou-me pôr á beira do meu amigo — entende vossê?...

João da Eira

Tens razão... mas não haja aqui nada...

Manoel Portêllo

Arrede lá, que eu já não vejo esse homem. Arrede, thio João, que esse é meu...

Os encamisados, á excepção do 1.º que tem desaparecido, começam a fazer roda com os páos. O da canastra faz suas pontuadas sêcas, athé que um dos môços d'aldeia lhe decepa o jumento com uma paulada. As raparigas abraçam se com os da bulha, conseguem sustêl-os entretanto que o 3.º encamisado mostra com aceonados que está dando as suas razões ao João da Eira.

4.º Encamisado

Venham ver... venham ver...

Vozes

Que é? (*desorganizando-se inteiramente o tumulto*).

4.º Encamisado

(*Muito aterrado*). A ispo... ispo... li... nhar... se.

João da Eira

(*Apontando aterradissimo*). O Lu... lu... bis... home!

As raparigas

Credo! Jesus! S. Bento! Senhora da Guia!...

4.º Encamisado

Elle ahi vem... Elle ahi vem!... Fugam! Fugam!...

João da Eira

Elle ahi vem!... Elle ahi vem!... Fugam, fugam.

Raparigas

Ai Jesus! ai Jesus! ai Jesus!

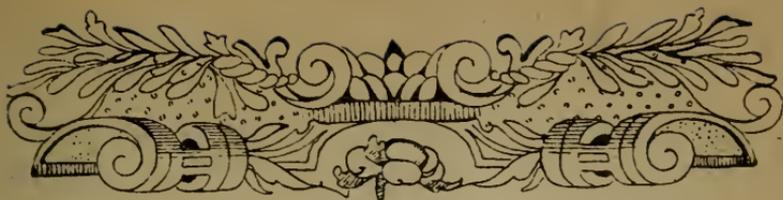
(*Entram em magote pela porta de carro, á excepção de Marianna, que se esconde a um lado da eira. O lubis-homem apparece effectivamente em correrias, á laia do procurador do Duende. Vem com um vestido justaposto ao corpo, negro, com rabo de cavallo muito comprido, e o mesmo focinho de cão que ha pouco trazia na qualidade de 1.º Encamisado. Faz algumas piruêtas na scena, entretanto*

que o tumulto se engolfa pelo portal do lavrador. Fechada a porta, Marianna apparece; o lubis-homem pega-lhe da mão, e foge com ella.)

João da Eira

Olhem se a Marianna entrou... Marianna! Marianna! (*Apparece na janella bradando por a filha. O lubis-homem torna á scena, e João fecha rapidamente, bradando: — Oh diabo! que elle ahi torna! — O lubishomem desapparece*).

(FIM DO PRIMEIRO ACTO)



ACTO II

A' esquerda. a frontaria da igreja de S. Salvador, deixando vêr um dos pannos da parede, com passagem contigua. Ao fundo. a casa de residencia do vigario, com entrada ao rez-dochão. A maior parte do palco é uma a amêda ou adro.

SCENA I

Vigario, rapazes, raparigas, João da Eira

Alguns rapazes dos que vimos no 1.º acto, vestidos de festa, disparam os seus bacamartes, e mostram-se muito azafamados n'este divertimento. Ouve se o sino da igreja repicando. Depois, do interior do templo, sahem uns esposados, a quem muitas moças lançam flôres, entre ruidosas acclamações de flôres á desposada! Os moços continuam o seu tiroteio, com grande garbo e aprazimento de suas pessoas. Entre a multidão avulta a pessoa do sr. João da Eira, com o seu immenso casaco azul e sem gravata. A desposada e desposado podem ser quaes-

quer figurantes. Accresce aos designados o reverendo parochio da freguezia, d'estolla e sobrepeliz.

Vigario

(Sorrindo). Callai lá a bocca a esses bacarmartes, rapazes! Quem vos ouvir cuidará que anda por cá revolução popular...

Rapazes

Vivam os desposados!

Vigario

Vivam, e sejam venturosos, por larga vida e felizes annos.

O desposado

E V. S.^a, que os conte, sr. reverendo *vigairo*, na companhia de quem mais seu gosto fôr.

Vigario

Então, cachopas, vós d'antes cantaveis como em nenhuma freguezia d'estes arredores se cantam as nossas modas. Naturalmente, estaes tristes por não cazardes tambem!...

As raparigas

Agora estamos...

Vigário

Pois, então, cantai alguma coisa em honra da vossa companheira.

Miquelina

Que havemos nós cantar?

Vigário

O que quizerdes.

Uma das môças

O' Miquelina, começa lá aquella da *Donzella porque não casas?*... Gosta, sr. reverendo *vigário?*...

Vigário

O que quizerdes, o que quizerdes.

Miquelina

(*Canta*) — Donzella, porque não casas,
Com rapaz que bem te queira?
Coitadinha! não te querem
Porque não és cantadeira?

Còro

Coitadinha! não te querem
Porque não és cantadeira?

Tenho uma casa de meu,
E tambem tenho uma leira,
Tenho bragal, tenho ouro,
Tenho alma verdadeira.

Coro

Coitadinha, etc.

Tambem canto umas cantigas,
Que eu só sei cantar na aldeia;
Mas ninguem me quer... paciencia!
Já sei que morro solteira...

Coro de homens

Queres tu comigo casar,
Donzella, se és cantadeira?

Sólo — Casarei, se me tu queres
Com affeição verdadeira.

Coro geral

(Alegro) — Ora, pois, seja louvado
O Senhor que vos juntou;
Quem quiz cantar p'ra casar,
Sempre no mundo casou.

Vigario

Deus vos abençõe, meninas! Ide, ide, que já

não é cedo... Inda agora reparo!... O' sr. João da Eira, a sua Marianna não veio!?

João da Eira

(*Com tristeza*)— A minha Marianna, sr. reverendo *vigairo*... a esse respeito temos que falar em particular.

Vigario

Sim?... pois n'esse caso ficaremos... Ide, ide na paz do Senhor... Que lembrança foi a vossa em guardar este casamento para tão tarde, n'estes dias de inverno!?

O desposado

Foi o alfaiate da villa que me fez este *casaco*, e mandou-m'o depois do meio dia.

Vigario

Deixa lá vêr... Anda lá, que está como se quer... Adeus, adeus.

Muitas vozes alternadas

Adeus, sr. *vigairo*. Fique com Nossa Senhora; passe muito bem, até outra vez, etc.

(*O sino e os tiros recommçam, e callam-se rapidamente.*)

SCENA II

O Vigario e João da Eira

Vigario

Ora diga lá o que temos de má nova, que já vejo que não vae dizer-me cousa alegre...

João da Eira

O certo é que não, sr. reverendo *vigairo*... e bem me custa, porque, emfim, a coisa é com a minha mulher e com a minha filha.

Vigario

(*Estupefacto*) — Que dizes, homem! com sua filha e com sua mulher!! eu!! eu!!

João da Eira

Eu queria dizer que lhe toca pela roupa...

Vigario

Explique-se, que eu não o entendo...

João da Eira

Pois, emfim, saberá o sr. reverendo *vigairo* que tem um lubis-home de portas a dentro.

Vigario

Este homem `endoudeceu!... Eu tenho um lubis-homem de portas a dentro!

João da Eira

Assim me Deus salve em como tem...

Vigario

Não jure, creatura... Vocemecê está fóra do seu juízo...

João da Eira

Ágora estou!... oxalá que mentisse... Eu lhe conto...

Vigario

(*Benzendo-se*) — Jesus! Santo nome de Jesus, que lembrança!

João da Eira

O lubis-home, sr. *vigairo*, é o estudante das *grañmátégas* que V. S.^a cá tem a ensinar.

Vigario

O estudante!... eu cada vez o percebo menos!...

João da Eira

Quer o sr. *vigairo* saber se elle é ou não é

lubis-home?... Olhe se elle está em casa á sexta feira....

Vigario

N'esses dias vae elle visitar a familia a Villa Real.

João da Eira

Não cômo essa, sr. *vigairo*, e perdoará em lh'eu ir á mão. Olhe (*apontando para os olhos*) com estes vi-o eu a espolinhar-se no meu souto da Reboleira, e depois...

Vigario

Que diz, sr. João, que está vocemecê ahi a dizer disparates!...

João da Eira

Deus me não ajude, se isto assim não é... A mulher lá a tenho emprégadinha, que se não meche; a filha está que ninguem a conhece, engelhada, magra, e cheia d'ossos, e tudo isto foi... faz no sabbado trez mezes que eu fiz a minha espadada.

Vigario

Homem, eu estou abysmado! Então o rapaz bateu-lhe na familia?

João da Eira

Foi o lubis-home, por que V. S.^a bem sabe que os lubis-homes, estando no *carátele* da sua

propia pessoa, não fazem mal; mas como eu vinha dizendo, no fim da minha espadada appareceu o lubis-home, e fugimos todos; só a minha Marianna ficou de fóra, por não poder entrar, e tal medo apanhou que me está tolhidinha. Não tem vontade de comer, anda sempre a chorar, não vai ao campo, e diz o barbeiro-çurgico que ella tem uma obstrução no corpo, salvo tal logar.

Vigario

E como sabe vocemecê que é o meu estudante o lubis-homem?

João da Eira

É porque dizem por ahi todos; veja-lhe V. S.^a a cara e verá como elle a tem amarella.

Vigario

Aquella é a côr d'elle, creatura de Deus... E não tem outra razão melhor que essa?

João da Eira

Sei que elle esteve na minha espadada... inda quer outra rasão, sr. *vigairo*?

Vigario

Esteve !?

João da Eira

Tal e qual, e sabe que mais? A minha rapariga, ás vezes, a sonhar, falla n'elle... Elle não se chama Carlos?

Vigario

Chama, sim.

João da Eira

Vê? olhe se lh'o eu digo...

Carlos

(Fóra, assobiando e chamando os cães). Perdi-gueiro! bóca! aqui! Preguiça! Ladina! cadella de mil diabos! aqui... péga...

Vigario

Elle ali vem.

João da Eira

Eu estou capaz de m'ir embora, que não vá elle tolher-me como me tolheu a mulher e a filha...

Vigario

Não, senhor, deixe-se estar.

João da Eira

Homem!... eu não sei o que faça...

Carlos

(Fóra e mais perto). Neptuno! Os diabos te levem! Cassandra! Tito-Livio!... bóca... diabo!... *(chegando á scena sem reparar)*. Os infernos te confundam, espingarda de guerrilheiro... Este demonio errou trez vezes... *(Bate a arma, que se dispara — João da Eira dá um grito e fica em convulções)*.

João da Eira

Eu... eu... eu que lhe disse, sr. *vigairo*?... Estou tolhido...

SCENA III

Os mesmos e o estudante

Vigario

(Com severidade). Que modos são estes, sr. Carlos?

Carlos

Boas tardes... eu não os via... passou bem, sr. padre mestre?

Vigario

Passei bem, muito obrigado.

Carlos

(*À parte*). Oh diabo!... cá está o pai de Marianna!...

Vigario

O' sr. Carlos d'Athayde, conhece este senhor?

Carlos

Não me recordo de o ter visto... Naturalmente é o mestre-eschola cá da freguezia...

João da Eira

Nada, eu não sou mestre mestre-eschola, não senhor.

Vigario

Com que então não conhece?

Carlos

Mas tenho a honra de ficar conhecendo... É o sr. padre-mestre que m'o apresenta...

Vigario

Sim, senhor — sou eu que lh'o apresento... E' o sr. João da Eira, natural da Reboriça, que costuma ter a sua espadada... Olhe se se recorda por esta circumstancia...

Carlos

Nada... eu não estou certo... Mas emfim...
(*querendo apertar-lhe a mão, que João da Eira mette na algibeira*). Muito gosto em conhecer...
Passou bem? e a família, boa?

João da Eira

(*Áparte*). A família?... que maroto!... (*alto*)
Vai indo .. Deus louvado... nunca peor...
vamos por lá vivendo... E lá a sua obrigação
como vai?

Carlos

Soffrivelmente... passageiramente... satisfatoriamente...

Vigario

(*Com severidade*) — Sr. Carlos! É preciso que
o sr. seja muito mau membro da sociedade,
mau christão, e muito mau filho, para que
illudindo as diligencias paternas e as minhas,
se sirva de falsidades que lhe assentam pessimamente...

Carlos

Então, que ha de novo?

Vigario

Não seja, além de indocil, motejador. O sr.
estudante, por motivos desairosos, foi mandado

para aqui estudar, visto que em Villa Real se tornava um mau membro de sua virtuosa familia. Chegando aqui, illudiu seus pais, dizendo-lhes que não ia lá uma vez por semana para escurecer a memoria de certos factos, e para aproveitar no estudo; e a mim dizia-me que ia vêr seu pae ás sextas-feiras e parte dos sabba-dos... Que fazia o sr. n'estes dias?

Carlos

(*Com humildade ironica*) — A vida contempla-tiva, sr. padre-mestre...

Vigario

Não zombe, senhor! A vida que o senhor levava pelas espadadas, e por... que sei eu? por onde o sr. semeou talvez o grão da immo-ralidade, em aldeias pobres e innocentes...

Carlos

Sr. padre mestre: terminou a sua verrina? Marat, Danton e Robespierre nunca falaram com a barriga horrorosamente peripatetica... isto é, vasia. Eu prometto uma tocante defesa: peço-lhe que suspenda o seu juizo; mas per-mitta-me que vá primeiro á cosinha buscar ins-piraçoens.

Vigario

Seja cortez, sr.!.... Que foi fazer á espadada d'este lavrador?

Carlos

(Para João da Eira). Vossemecê viu-me lá?

João da Eira

Vi, sim, vi, e o senhor é o lubis-home. (*Carlos ri ás gargalhadas*). Bem se lhe vê na cara...

Carlos

Vê-se-me na cara um lubis-homem!!! Deixe-me ir ao espelho... Com licença... (*quer sair*).

Vigario

Espere! E' necessario sabermos se fez alguma das suas crueis brincadeiras para atemorisar a familia d'este senhor...

João da Eira

Isso é que é verdade.

Carlos

Ai! este senhor tem uma familia atemorizada!? Exorcismos, meu anigo, exorcismos, e muita somma d'agoa benta... Sr. padre-mestre! (*dignidade caricata*). A minha consciencia repelle a injusta e calumniosa aggressão que impiamente lhe fazem. Invoco os cadaveres que ahi estão no chão da morte, dormindo o somno eterno, para que, envôltos na sua mortalha, ve-

nham aqui dizer se eu, Carlos d'Athayde e Valadares Tinôco, sou lubis-homem. (*Correndo á porta do templo*). Erguei-vos, mortos, do vosso leito de pedra! Erguei-vos, honrados anciãos!... erguei-vos...

João da Eira

(*Benzendo-se apavorado*). Credo! Santo nome de Jesus. Credo! Ave Maria!...

Vigario

Basta de ridiculo, senhor!...

Carlos

(*Dramatico*). Eu quero o depoimento dos mortos!...

Vigario

Retire-se!

Carlos

Boas noutes. (*Sahe*).

SCENA IV

João da Eira e o Vigario

João da Eira

Que mau homem, sr. *vigairo*, que mau homem!...

Vigario

Falemos serio, meu amigo, olhe que isto de lubis-homens é mentira.

João da Eira

Homem! essa não esperava eu de quem tem cartilhas e missaes como o sr. rev. *vigairo!*...

Vigario

Pois creia no que lhe digo. Deus condemna os culpados no outro mundo, não é n'este. Quem faz o mal irá para onde o pague, mas n'este mundo, justos e criminosos, todos são homens com figura humana, não ha lubis-homens, nem outras visoes, que nossos avós inventaram sentados ao lar...

João da Eira

Pois se eu o vi!... quer me o sr. *vigairo* metter os dedos pelos olhos... Meu amigo, o que disseram os velhos é escriptura...

Vigario

Pois como o sr. viu uma cousa que se lhe pareceu com outra, é que eu chego a acreditar que este maldito rapaz, para assustar a boa gente d'estas aldeias, andasse por lá a fazer arruido...

João da Eira

Mas elle tinha um rabo como a minha egua, e uma cabeça de jumento, com licença das suas barbas honradas...

Vigario

Teria, teria, que os rapazes d'este seculo têm tudo quanto querem, logo que não têm a religião de seus pais... Vá vossemecê para sua casa, diga a sua filha e a sua mulher que esse fantasma que ellas viram não foi mais que a travessura de um estudante, com o fim de assustal-as, e mais nada...

João da Eira

Mas a minha Marianna está chupadinha de todo!...

Vigario

Pois ahi tem — foi mêdo, cujos effeitos passarão com o desengano que vossemecê lhes vae dar.

João da Eira

Parece-lhe então que não seria lubis-home, ó sr. *vigairo*?

Vigario

Não era, dou-lhe a minha palavra de sacerdote.

João da Eira

Isso agora é outra cousa... vou descansado, e com isto fez-se-me noute; estimarei que passe muito bem athé avista.

Vigario

Adeus, sr. João, console a sua familia, e leve-lhe as minhas bençãos. (*O vigario recolhe-se e fecha a porta*).

(*E' noute*).

SCENA V

João da Eira e depois um fantasma

João da Eira

Ora não ha duvida... Foi o maroto do estudante que me assustou a mulher e a filha!... Pobre rapariga! nem eu sei como o maldito lhe não... Ora vamos lá para casa.

(*Ao virar-se dá de cara com um vulto embrulhado n'um lençol, que vem rente com a parede da egreja, a passo solemne e cadenciado. João da Eira solta um grito, recúa, ataranta-se e foge para a porta do vigario. Chama, e bate primeira e segunda vez, quando o fantasma estende um braço, pintado de óca, fóra do lençol*).

Fantasma

(*Voz sepulchral*): — Suspende-te !

(*João da Eira cãe de joelhos*).

Fantasma

Os brados d'um innocente chegaram ás profundidades do meu jazigo eterno ! Tu condemnaste um justo de lubis-hOMEM, e esse justo invocou o testemunho dos mortos !

João da Eira

Perdão, perdão, já aqui não está quem falou...

Fantasma

Ergue-te, mortal calumniador !

João da Eira

Alma, quem quer que sejaes, em nome do Padre e do Filho e do *Esprito Sancto* !...

Fantasma

Escuta ! É preciso que chames o vigario d'esta freguezia e lhe digas que uma alma do outro mundo te annunciou que Carlos d'Athayde é um sancto, um anjo perdido na terra, uma perola desengastada da corôa de um cherubim.

João da Eira

Senhora alma, se lhe não custa, V. S.^a faz favor de me dizer outra vez essas cousas?...

Fantasma

Quod dixi, dixi!

João da Eira

(*Áparte*)—Aquillo é latim: como ellas sabem!

Fantasma

Outrosim pedirás perdão á victima innocente pela calumnia atroz que lhe imputaste! Os mortos acordaram do seu somno! O mysterio dos tumulos foi rasgado no seu seio! (*João da Eira está resando um credo em cruz*). O inferno revoltou-se nas suas chammas! E os espiritos de Satanaz vagueam sobre a tua cabeça em turbilhoens... (*João da Eira sacode com as mãos os turbilhoens*).

João da Eira

Jesus! Jesus! em turbilhoens!

Fantasma

Oh!... oh!...

João da Eira

Eu peço perdão... peço perdão... Digo isso tudo e o mais que vessemecê quizer...

Fantasma

Adeus! até o dia do Juizo!

João da Eira

Passe muito bem... Athé lá... athé... lá...

SCENA VI

João da Eira — e depois o Vigario

João da Eira

Agora é que eu fico tolhidinho de pernas e braços!... Dóe me a barriga... Tenho calafrios nas canellas... Estou tolhido, não ha duvida, estou tolhido!...

A voz do fantasma

(*Ao longe*) — Não te demores, misero mortal.

João da Eira

Ah!... Cá vou, cá vou!... (*bate desesperadamente á porta*) Ó sr. vigairo! ó sr. vigairo! ó sr. estudante!...

Vigario

Que tem, homem?!

João da Eira

Dá licença? dá licença?... deixe-me entrar...

Vigario

Que é?... que é?!

João da Eira

Deixe me entrar... Lá dentro, lá dentro, lhe direi... deixe-me entrar. (*Olhando sempre para traz.*)

Vigario

(*Vindo fóra e tomando-lhe o braço*) — Ha de dizer-me o que tem... vossemecê está aterrado!... viu o lubis-homem?

João da Eira

Não me fale mais em lubis-home... Foi uma alma do outro mundo... (*apontando para traz da igreja.*)

Vigario

Pobre homem! Vossemecê é bem desgraçado com as suas visoens... venha cá... (*quer levá-lo atraz da igreja*)

João da Eira

Nada, nada, seu fôra tolo!... Tenho um recado a dar-lhe da alma...

Vigario

(*Sorrindo*)—Um recado para mim?

João da Eira

É como diz... A alma veio ao reclamo do estudante... (*o padre benze-se como quem se compadece da loucura estranha*). Amen. Amen... (*benzendo-se também*) e disse-me que lhe dissesse que o estudante não era lubis-home, que era um anjo perdido, uma *pedra gastada* na corôa (*fazendo menção de uma corôa clerical*) dos serafins, e não sei que mais em latim... ah! é verdade, disse-me que era um sancto...

Vigario

Uma pedra gastada na corôa dos serafins?!...

João da Eira

Tal e qual ..

. Vigario

(*Com sentimento*) — Ó sr. João, aquelle rapaz quer a nossa desgraça...

João da Eira

Qual rapaz?

Vigario

Qual ha de ser? esse maldito que ahi anda...

João da Eira

Sancto nome de Jesus! não diga isso que se levantam as almas...

Vigario

A alma era o estudante... Vá com Deus p'r'a sua casa...

João da Eira

A alma era o estudante!... O sr. *vigario* é que quer a minha desgraça. . Era uma alma, tal e qual, amortalhada, com o braço amarello e os dentes negros.

Vigario

(*Comsigo*). Que bondade e que maldade!!

João da Eira

Faz favor de chamar-me o estudante, que lhe quero pedir perdão!

Vigario

Creatura de Deus! vá p'r'a sua casa: dou-lhe outra vez a minha palavra de sacerdote de Christo, e ministro do altar, que a alma era esse atravessado com um lençol pela cabeça...

João da Eira

(*Meditando*). Sabe que mais... parece-me que

tem razão... O sr. *vigairo* dá-me a sua palavra?

Vigario

Dou, dou, vossemecê é muito medroso; não me parece um homem...

João da Eira

Quem... eu?! medroso! Eu lhe digo, sr. rev. *vigairo*; d'aqui por diante más terçans me cõlham se eu tiver medo a trasgos e aventesmas, — *Prá môr* d'isso, vá-se o sr. *vigairo* embora, que eu hei de aqui ficar no adro um bom pedaço...

Vigario

Pois fique, e encommende-se a Deus... Boas noutes.

João da Eira

Passe muito bem...

SCENA VII

João da Eira — e depois Carlos

João da Eira

Quero ver agora!... Aqui estou!... que venham, que venham as almas... por que não vêm?

eu aqui estou!... Aquelle marôto!... é já duas vezes que me engana... Ah! elle ahi vem... Ora anda... não sei, mas chêgo-te...

Carlos

(Solemne). Ouvi uma voz do outro mundo que me disse: «Vae á alamêda do adro, onde um homem te espera para pedir-te perdão de uma calúnia». Será o senhor esse homem?

João da Eira

(Rindo materialmente). Sou eu mesmo, para o servir, e vossemecê era a alma, que aqui andou ha bocado embrulhada n'um lençol...

Carlos

Era eu a alma!? Está bom. Levantai-vos, mortos!

João da Eira

(Primeiro aterrado, e depois emendando-se). Tenha lá mão, tenha lá mão!... Chame... pode chamar... chame lá quanto quizer...

Carlos

(Apontando para o lado da igreja). Veja se nhor!

João da Eira repára, e vê outro fantasma que vem. — Aterra-se e cõe de joelhos.

João da Eira

O sr. *vigairo* foi que me enganou (*o fantasma pára a alguma distancia*). Perdão, sr. estudante. V. S.^a não é lubis-home.

Carlos

Levante-se !

João da Eira

Muito obrigado, por muitos annos...

Carlos

(*Apontando para fóra*). Mirre-se!

João da Eira

Se eu prestar p'r'a alguma cousa, não tem mais que escrever para João da Eira da Reboriça...

Carlos

Evápore-se !

(*João da Eira sahe*).

(*Carlos e o criado tirando o lençol*).

Carlos

(*Rindo*). Foi bem apanhada !... agora posso lá ir, inclusivamente...

Criado

Isso é que é verdade.

SCENA VIII

Os mesmos e uma criada

Criada

(*A' porta*). Sr. Carlos, onde pôz um lençol da sua cama?

Carlos

Está aqui; péga lá...

Criada

Dê cá... faz andar a gente douda a procurar!...

(FIM DO SEGUNDO ACTO)



ACTO III

O palco, na sua maior extensão, representa a descida de uma serra, formando uma esplanada em que assenta um arraial ou romaria. A encosta da montanha é acessível e praticável. O arraial no Minho varia, em costumes, muito pouco das outras provincias. Compete ao ensaiador idear o que lhe parecer além dos taboleiros de beberagens, casas de pasto abaracadas, pipas de vinho dispersas, taboleiros da *roda da fortuna*, jogadores de *vermelhinha*, cercados de parvos, turbas circulando em romaria á igreja. D'esta, a frontaria deve ser bem reintrante nos bastidores para não empecer a extensão do arraial. Á porta da mesma está S. Bartholomeu, santo volumoso, de ferro, e orágo da freguezia, com o seu taboleiro de fiôres, e moedas de cobre, que os romeiros devotamente lançam quando passam. Este santo é escoltado por dous homens d'opa vermelha e lenços atados á cabeça. E' immenso o estrepito de bombos, rabecas, violas, e varetas. Duas *esturdias* (que são organisadas por aquelles instrumentos e grande séquito de povo) atravessam a scena e fazem romagem em torno da capella. Na 1.^a avultam os representantes do 1.^o acto; na 2.^a, outras figuras. As cantigas são ao arbitrio da direcção pela parte musica. As *esturdias*, depois de algumas voltas, fazem junção ao pé das pipas de vinho. João da Eira destaca-se então dos grupos com sua filha, cuja physionomia é abatida e magra.

SCENA I

João da Eira e Marianna

João da Eira

Então, rapariga, vamos aos *inzorcismos*?

Marianna

Não, sr. pai... deixemo-nos d'essas cousas... eu não quero *inzorcismos*... quero-me ir embora p'ra casa...

João da Eira

Pouco irás... A que te trouve eu cá? É o que faltava, vires á reza p'ra botar fóra esse *esprito* que se te metteu no corpo, e ires-te embora como viestes... Olha tua mãe como está melhor desde que lhe leram os *inzorcismos*...

Marianna

Deixal-a estar... não quero e tenho dito... não quero... Eu bem sei que não tenho cousa ruim no corpo...

João da Eira

Pois quer queiras, quer não, hão de se te rezar, e ha de ser já... (*pegando-lhe do braço*). Vamos... anda d'ahi...

Marianna

Não vou, não vou!...

João da Eira

(*A'parte*). — Então é *esprito* ou não é *esprito*? (*chamando*) O' Manoel, ó Manoel do Portêllo. (*cuspiendo nas mãos*).

SCENA II

Os mesmos e Manoel do Portêllo

Manoel do Portêllo

Que é cá preciso?

João da Eira

Ajuda-me a levar a Marianna alli á porta da capella...

Manoel do Portêllo

E mais não é preciso muito... (*filha-lhe um braço*).

Marianna

Não me magôem, que eu grito *aquedelrei*...
Deixem-me, larguem-me...

João da Eira

Pega bem, Manoel, que isto é o diabo que falla n'ella...

Manoel do Portêllo

Pois hade sahir p'ra fóra...

Marianna

(*Gritando*) — Ai Jesus, que me matam!...
Deixem-me... que me quebram os braços...

SCENA III

Os mesmos, mais povo e um padre

(*Aos gritos de Marianna apinha se povo; acode uma patrulha e um padre de sobrepeliz, com um ripanso e caldeirinha.*)

Patrulha

Que é isto aqui? que fazem a esta mulher?

João da Eira

E' minha filha que tem o diabo no corpo... Aqui está um sr. padre... Faz favor de rezar-lhe os *inzorcismos*?

Marianna

(*Debatendo-se nos braços d'elles*)—Não quero, não quero, deixem-me respirar, que estou abafada. Pelo amôr de Deus...

Padre

Benzam se todos (*executam com grande apparato de devoção*) Espirito diabolico, eu te requeiro! Que queres d'esta creatura?

Marianna

Quero ir p'ra minha casa...

Padre

Ha quanto tempo te metteste no corpo d'esta creatura?

(Um mancebo bem trajado, com meio rosto tapado por um lenço branco, solta uma desatada risada, e some-se na multidão. Aquella gente assusta-se, e Marianna grita com grande esforço.)

Marianna

E' elle... E' elle a rir-se de mim!

Padre

Elle... quem?

Vozes

E' o *esprito* que sahiu...

Padre

Tragam o sancto! Tragam o sancto!

(O povo põe-lhe o sancto na cabeça.)

Marianna

Tirem-me este pêso da cabeça... tirem-me isto... ai que me abafam!

João da Eira

Olha o *esprito* a estrebuchar... Anda, que has de sahir p'ra fóra...

Manoel do Portêllo

Isso é que é verdade... ou elle não entrasse...

Padre

Callem-se vossês.

Marianna

Senhor pae... eu que mal lhe fiz? Manoel! não me apertes... que me quebras este braço... T'arrenego, t'arrenego!...

João da Eira

Então, é ou não é *espírito*?

Povo

E', é, cruces... (*fazendo cruces com os dedos a Marianna.*)

Padre

(*Aspergindo agua benta*) — Espirito! eu te requeiro, em nome das trez pessoas da Santissima Trindade. Ou tenhas entrado de telhas abaixo, ou portas acima, de noite ou de dia, ás claras ou ás escuras, na agua ou na terra, na comida ou na bebida, no vestir ou calçar, em seda ou linho, ou estôpa, ou qualquer materia de fiação...

(*Ouve-se outra risada do mesmo que se rira anteriormente, e que outra vez se some.*)

Marianna

(*Apontando*) — E' elle... é aquelle!

João da Eira

Ande, sr. padre, que me parece que elle já se foi...

Padre

Demonio! deixa a creatura; eu te exorciso, eu te requeiro, eu te condemno para as profundidades do inferno.

Vozes

Amem. Amem.

Marianna

(*Apontando o desconhecido que reaparece*) — Ah!... Ah!... (*desmaia*).

João da Eira

Parece-me que se foi d'esta vez, sr. padre.

Padre

Vamos vêr. Espirito ruim! Demonio tentador das creaturas! Ella não se meche?

João da Eira

E' que nada.

Manoel do Portello

(*Largando-a*). Não vê, sr. padre... Ella ahi está mansa como um borrêgo...

Padre

Podeis ir com Deus. Esta rapariga já não tem espirito.

João da Eira

Deus lhe dê saude (*mette lhe dinheiro na mão*) e perdoará!...

(*O padre sahe*).

SCENA IV

Marianna, João da Eira, Manoel do Portello,
raparigas, rapazes

(*O grupo desconjuncta-se. Marianna está nos braços de Miquelina*).

João da Eira

Agora, vá a beber... Isto *d'inzorcismos* é como se quer... O' raparigas! não ouvistes o diabo a rir-se duas vezes aqui p'ra traz?

Vozes

Vimos, vimos...

João da Eira

Venha de lá esse vinho.

Manoel do Portêllo

(*Com um copo de canada*) — Lá vai á nossa...
Comece por ahi (*dando a João da Eira*) é mão
de samear...

João da Eira

Está em boa mão.

Manoel do Portêllo

Vossemecê é mais velho (*bebem*).

Marianna

Sr. pae...

As raparigas

— Estás melhorsinha?

— Vamos p'ra casa?

— Já não tens cousa má no corpo?

João da Eira

Ella já veio a si?

Marianna

Sr. pai...

João da Eira

Que queres, que queres, rapariga?

Marianna

Vamos embora?

João da Eira

Como estás lá no interior?

Marianna

Estou muito cansada...

João da Eira

Pudera não...

Manoel do Portêllo

Tu conheces-me, Marianna?

Marianna

Conheço...

Manoel do Portello

Olha que suei a agarrar-te ahí pelas costas...
Vá lá uma pinga, e que leve o diabo o *esprito*...

Marianna

Não quero... estou em jejum. . deixai-me...
Jesus! sancto nome! deixai-me, raparigas...

João da Eira

Então isso está fino, hein? ó rapaziada, vá
agora aqui de rópia uma cantiga, e vamos jan-
tar depois até não levar mais a barriga...

As raparigas

Está dito.

*(Em quanto ellas cantam, Marianna não aparta
os olhos penetrantes do arraial, como quem procura
alguem com anciedade)*

Canto

Raparigas { O demonio quiz tirar-nos
 { Esta nossa companheira.
 { O maldito ia fazendo
 { Que ella morresse solteira.

Rapazes . . { Inda bem! foi-se o demonio,
 { Solteira não morrerá;
 { Cá estou eu, ou se ha quem queira,
 { Se é homem, verha p'ra cá!

(Repetem todos a primeira).

(Ouve-se uma terceira risada: A cantiga pára. Marianna de um salto agarra o desconhecido).

Marianna

Aqui está... elle aqui está *(grande agitação no arraial)*

SCENA V

Os mesmos e o Desconhecido

João da Eira

(Agarrando-o). Que é lá isso?

O desconhecido

Deixe-me, quando não, chamo a patrulha.

João da Eira

(Largando-o). Deixa o home, rapariga.

Marianna

Não deixo, não, ha de cumprir o que me prometteu... disse-me que casava commigo...

Manoel do Portêllo

Que é lá isso? ó sr. amigo? Vossê quem é?

(Tira-lhe o lenço do rosto).

João da Eira

(*Aterrado*). Deixem-n'ó! deixem-n'ó!

Manoel do Pertêllo

E' o lubis-home! E' o lubis-home!

João da Eira

Calla-te, que não sabes o que dizes... Deixa esse homem, que é... que é... não sei o que me disse a alma... — é um homem muito grande, muito grande!...

Marianna

Não deixo... Enganou me, e deixou-me... Quero que case comigo...

Carlos

(*Áparte*). Que taes são as escospias, hein?

(*A patrulha agarra-o*).

Patrulha

Que diabo de barulho é este?

Marianna

Sr. pai... Este senhor disse-me que casava comigo e fez-se lubis-home para assustar a mãe...

João da Eira

Que é? que é? — diz, diz... eu estou ban-
zado!

Marianna

Para assustar a mãe, e depois... (*cobre a cara
com as mãos*).

Patrulha

Está o sr. prezo!

João da Eira

Tu que dizes, mulher, pois este estudante?...

Marianna

Sim, sim, foi elle que...

Uma das moças

O' gentes! vós não ouvis isto? diz que fôra
elle que...

Manuel do Portêllo

O' sôres soldados! deixem-me escavacar a
cabeça a esse maroto...

Patrulha

Arrede p'ra lá... um preso é sagrado...

Carlos

Sim, sr. estou preso!

(Cresce o tumulto. Vozes: Mata! Mata! Fóra os casacas! A patrulha é ensarilhada nos páos).

Marianna

Não, não lhe batam... Manoel *(botando-se-lhe de joelhos)*. Eu é que tive a culpa... batam-me antes a mim...

João da Eira

O' su maroto! Vossê teve alma de...

Manoel do Portêllo

(Apontando-lhe uma paulada á cabeça) — Leva lá a primeira, meu lubis-home!

SCENA VI

Os mesmos e o Vigario

Vigario

(No centro dos amotinadores) — Que é isto? rapazes!

(Applacam-se subitamente).

João da Eira

(Lagrimojando) — Bem dizia V. S.^a que este

estudante era a nossa desgraça em pessoa. Olhe aqui... (*fala-lhe ao ouvido*) a minha filha, sr. reverendo *vigairo!*...

Vigario

Ouçam-me todos. Sr. Carlos, venho aqui livral-o de um justo furor popular, lembrando-me que é ainda possível lavar as suas nodoas com um acto de caridade e de virtude. O sr. deve casamento á filha d'este honrado lavrador?

Carlos

Sim, sr.

Marianna

(*Para as raparigas*) — Vêem como elle confessa?

Vigario

Ou o senhor casa com ella, e tem a contar com a minha amisade e com a d'esta boa gente, ou não casa, e então, já que as leis não punem crimes d'este genero, eu entrego-o á punição d'este povo justamente indignado... Escolha...

Carlos

Casarei.

Marianna

(*Abraçando-o*) — Ah! Bem me dizia o coração que me não tinhas esquecido, meu Carlos...

João da Eira

Homem, a falar a verdade, sempre succedem *causos!*

Manoel do Portêllo

(*A'parte*). Não sei ainda como isto será.

Vigario

Pois bem... seremos todos felizes. Eu comprometto-me a alcançar indulgencia do sr. Arcebispo. O casamento deve ser hoje mesmo alli na capella... Convem, sr. Carlos?

Carlos

Sim, senhor, hoje mesmo... porque não? essa é boa...

Vigario

Pois então vá cumprir o preceito. Confesse-se, que Marianna (e logo será a sr.^a D. Marianna) vou ouvil-a de confissão... Podem ainda commungar, não é verdade?

Marianna

Eu estou ainda em jejum.

Carlos

E eu tambem.

Vigario

Então, d'aqui a uma hora, aqui estamos outra vez...

João da Eira

Não... elle não se perde... O *cusaco* é bem conhecido... não anda cá outro tão engelhado nas costas como este... Nós o chamaremos...

Carlos

Athé logo, meus amigos. Adeus, Marianna. Nós alguma vez havíamos de casar... Emfim o que se hade fazer...

Marianna

Ao tarde, faça-se ao cedo, não é assim?

Carlos

E' verdade... athé logo...

Vozes

Viva o sr. *vigairo* !! Viva!

SCENA VII**Carlos d'Athayde e o criado**

A multidão vae para o fundo, folgando na sua esturdia. Dansam e cantam a chula. Carlos fica aceonando com o criado que já conhecemos na en-

camisada, e com o 2.º fantasma. Quando cessam as dansas e as cantigas, ouve-se Carlos..

Carlos

Sim, não, não, sim, entendes?

Criado

Entendo, sim, senhor.

Carlos

Nem mais, nem menos — sim, não, sim, não, não, sim, entendes?

Criado

Sim, senhor.

(Desapparecem).

SCENA VIII

A patrulha, rapazes, Manoel do Portêllo

Continuam as esturdias a passar umas após outras. Alguns môços fazem suas partidas de páo; o povo, que julga começada a scena da pancadaria, principia a fugir com grande gritaria pela montanha acima. A patrulha, de bayoneta callada, intromette-se, gritando: Abaixo os páos.

Manoel do Portêllo

Não é nada, camaradas... Nós estávamos a rir... não é nada, e *vito-serio!*

Patrulha

Não queremos saber de brincadeiras... Se tornam a alvoraçar o povo, são presos. (*Os dos páos riem-se*). Ah! vossês riem-se, *sus* brutos!

Manoel do Portêllo

Então sempre hão de saber que toparam com o seu homem. E'lá, rapazes, a elles... Acaba-se aqui hoje o mundo!... (*A patrulha ameaça atacar de bayoneta callada*).

SCENA IX

Os mesmos e o vigario

Vigario

(*Intervindo*). Então que é isto, rapazes!?

Manoel do Portêllo

E' que queríamos mostrar a estes soldados que os homens ainda se não acabaram...

Vigario

O' camaradas!... vossemecês bem sabem o que são romarias. Estes rapazes, fartos de trabalho, vêm aqui espaiar, bebem a sua pinga, e depois... Ora vão na graça do Senhor... E vós... accomodai-vos em nome de Deus!...

Manoel do Portêllo

(Lançando-lhe o páo aos pés). Está bom, sr. vigairo, o meu páo ahi está por bem.

Outros rapazes { E o meu.
E o meu.
E o meu.

Vigario

Está bom. Peguem nos seus páos, mas não façam brigas...

SCENA X**Os mesmos e João da Eira**

(Começa a descer a gente das montanhas que estivera em observação).

João da Eira

(Trazendo um grande copo de vinho). Bêbam lá,

camaradas! soldados e povo, são tudo irmãos...
Viva a bella companhia!

Patrulha

(*Bebendo*). A' sua saude!

João da Eira

Que lhe faça bom *proficio*. — e é p'r' terra!... quem paga é o João da Eira da Reboriça. Se por lá passarem alguma vez, não têm que perguntar... Vossemecês mettem pela rua arriba, carregam sobre a sua esquerda, não fazem caso do quelho que vai dar á tapada do Manoel da Moita, e batem de cara na porta do meu quinteiro, que não ha lá outra pintada de vermelho...

Patrulha

Não faltará occasião... Adeus, sr. lavrador.

(*Sahem*).

João da Eira

E viva a sucia! Então, sr. *vigairo*, a rapariga está desobrigada?

Vigario

Deus é que o sabe... Agora resta que venha quem falta.

João da Eira

Eu vou dar uma volta a ver se o vejo... O *casaco* é bem conhecido...

(Sahe).

SCENA XI

Marianna e Miquelina

(Separadas do grupo).

Miquelina

Então vaes casar c'um fidalgo?

Marianna

Bem me importa a mim que elle seja ou não fidalgo!... O que eu quero é que elle me não faça passar por vergonhas do mundo.

Miquelina

Tu tambem deixaste-te enganar assim com tão pouco... Que viesse p'ra cá!...

Marianna

Se tu lhe tivesses amôr como eu...

Miquelina

Isso sim!... que viesse p'ra cá!... Se te tinha

amor, que casasse contigo... Mas casa agora que é o mesmo, e fica tudo esquecido...

Marianna

E tu não eras minha amiga se soubesses que eu?...

Miquelina

Tua amiga, isso era eu, mas meu pai não me deixava andar á tua beira nas segadas, e nas bessadas... Deus nos livre!... nem pensar n'isso é bom... E tu vaes p'ra Villa Real com o teu homem?

Marianna

Eu não sei... Vou p'ra onde elle quizer que eu vá... Sou sua mulher...

Vozes

Elle lá vem... Elle lá vem.

SCENA XII

Os mesmos, João da Eira e o supposto *Esposado* (vestindo como *Carlos*, e com o mesmo lenço apertado a meia cara).

João da Eira

Muito contente). O nosso esposado vem a resar a penitencia... Elle não diz nada...

Vigario

(Que tem vindo com a multidão). Eu cá vou preparar isto á capella.

(Sahe).

Vozes no arraial

E' um casamento! E' um casamento!...

João da Eira

(Para o esposado). Então que é isso? Doem-lhe os queixos?

Esposado

Sim.

João da Eira

Foi da agua fria quando commungou... Quer um golo de licôr?

Esposado

Não.

Manoel do Portêllo

Parece que está a não querer fallar, ó sr. estudante!

Esposado

Sim.

Marianna

(*Aproximando-se com receio*). Estás doente dos dentes?

Esposado

Não; sim.

Marianna

(*Abraçando Miquelina*). Não sei que adivinho?...

João da Eira

Sim, ou não?

Esposado

Não, sim, sim, não, não, sim...

Manuel do Portêllo

Este diabo está a fazer-se maluco!... se não fosse ser cousa do sr. João, tamanha lombada lhe escorregava pelas costellas...

Vigario

(*Vindo da capella*). Está tudo prompto; vamos, sr. Carlos d'Athayde...

Esposado

Sim, não, não, sim.

Vigario

Esta voz não é a d'elle!... Tire lá esse lenço...

Esposado

Sim, não, não, sim, sim, não.

Manoel do Portêllo

Qual não, nem sim. (*Arranca-lhe o lenço*).

(*Grito geral de surpresa. O criado ri-se*).

Manoel do Portêllo

E' o Manoel da Pitosga!

Vozes

Sem tirar nem pôr.

Criado

(*Rindo muito*). E' como diz. Sou o Manoel da Pitosga com a roupa de meu amo.

Vigario

Oh meu Deus! que afflicção!... que vergonha!... Que é de teu amo?

Criado

Eu sei cá d'elle!... Vestiu o meu fato, e galdiu-se...

Vigario

Que vergonha! que infamia!

Marianna

(*Abraçando Miquelina*). Miquelina... não sejas minha inimiga...

(*As outras começam a retirar-se d'ella com visagens de despreso*).

João da Eira

(*Chorando*). Que grande desgraça!... o que não será fallado isto!... Rapariga! eu não te tratarei mal... O que eu tenho teu é... Terás sempre que comer ao menos... já que não tens... honra...

SCENA ULTIMA

Os mesmos, e Carlos d'Athayde

(*Com traje de criado*).

Carlos

(*Abraçando Marianna*). Tem honra, sim, senhores, que é minha mulher. (*Grito de surpresa*).

Marianna

O' meu Carlos! filho do meu coração!

João da Eira

(*Abrançando-o*). Eu sempre disse que vosse-mecê era homem de palavra.

Vigario

Depois de dar graças a Deus, por me livrar de tamanha vergonha, dar-lhe-hei um abraço, sr. Carlos. (*Entra na capella*).

Carlos

Meus amigos! nunca me lembrei que o sentimento da compaixão me obrigaria a casar. Era preciso acabar com isto. Primeiro fui lubis-homem, depois alma penada, depois Manoel Pitosga e resta-me ser *homem casado*. O homem casado tem maior fadario a cumprir que o lubis-homem, anda mais sombrio que uma alma penada; torna-se mais aparvalhado que um Manoel Pitosga... Está dito; quero reunir tudo — vou casar contigo!

João da Eira

E viva quem tem *carátele*! A minha Maria hade ficar espantadinha quando nos lá vir... Eu vos abençôo.

(*Dirigem se para a capella, e corre o panno com grande estrondo d'esturdias que devem harmonisar no seu tanger alegre*).

9611

ACABOÙ DE IMPRIMIR-SE
AOS 15 DIAS DO MEZ DE MARÇO
DE 1900
NA IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA
RUA DO NORTE, 91 .
LISBOA

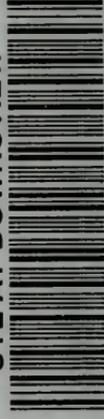
PQ
9261
C3L77
1900

Castello Branco, Camillo
O lubis-homem

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 04 09 007 0